Capítulo VI — Evangelização apostólica da China e dos países vizinhos

> **Sumário.** Relações dos Chineses com os povos do Ocidente. — Os Chineses católicos no século III. — Testemunhos de Arnóbio e de Teodoreto.

Da África passemos ao extremo Oriente e mostremos, provas em mão, a evangelização apostólica da China, da Índia e dos países em redor.

Não cessemos de repetir o que foi dito no começo do capítulo precedente. O Filho de Deus, a verdade infalível, predisse, em termos tão claros quanto possível, que antes da ruína de Jerusalém o seu evangelho seria pregado no globo inteiro, a todas as nações: *in universo orbe, omnibus gentibus*.

Os apóstolos declaram que o fato se deu.

Testemunhas irrecusáveis, todos os Padres da Igreja, sem exceção alguma, falam como os apóstolos e provam que todas as nações, conhecidas ou desconhecidas dos Romanos, sujeitas ou não ao seu império, receberam, no espaço de tempo marcado pelo divino Redentor, o conhecimento da religião cristã. Quem diz tudo nada exclui; é, pois, lógico, e muito lógico, concluir que a China e os países vizinhos não foram mais esquecidos que a América e a Oceania, se estas últimas terras eram habitadas.

A China, em particular, não é um ponto imperceptível na superfície do globo; ao contrário. Por sua antiguidade, por sua extensão, por sua população de trezentos a quatrocentos milhões de habitantes, bem como por sua civilização material, o império chinês ocupa um lugar muito grande entre os povos do mundo antigo.

Como supor que os apóstolos ou não tenham conhecido a existência desse império, ou, conhecendo-a, tenham negligenciado levar o facho da fé a essas imensas regiões? Não tinham por missão iluminar o globo inteiro? Os vestígios encontrados de sua passagem nas diferentes partes da terra não atestam que cumpriram fielmente o seu mandato? Partidos do Oriente, teriam, como sabemos, evangelizado as mais obscuras regiões da Europa, habitadas pelos Citas e pelos Sármatas, e teriam esquecido a nação mais importante da Ásia! *A priori*, a evangelização

apostólica da China é, pois, mais que verossímil.

Sim, mais que verossímil. No texto já citado dos Atos dos Apóstolos, não se diz que no dia de Pentecostes se achavam em Jerusalém habitantes de todas as nações que há debaixo do céu? Quem diz tudo nada exclui. Já que havia Medos e Partos, vizinhos imediatos da China, por que não haveria Chineses?

Acrescentemos que a evangelização apostólica da China é certa. Monumentos autênticos não permitem duvidar disso. Eis alguns.

Observemos primeiro que os Chineses não viviam, como nos tempos modernos, isolados dos outros povos. Conheciam o Ocidente, como o Ocidente os conhecia. As guerras dos Romanos contra os Partos, seus vizinhos, as conquistas dos primeiros na alta Ásia, os haviam posto ao corrente dos negócios da Europa.

Sob Augusto, seus embaixadores vieram a Roma pedir a amizade dos Romanos.[1] Na mesma época, enviaram uma embaixada solene em busca do SANTO, anunciado pelas antigas tradições e que devia aparecer no Ocidente.

Mais tarde, vemos o por demais célebre Sapor, rei da Pérsia, enviar a Constantino numerosa embaixada com ricos presentes, para solicitar a sua amizade. O rei da Pérsia contava então, entre as províncias de seu império, o país dos Seres ou a China, com seu cinturão de altas calçadas e seus dois grandes rios. Esse fato, para nós de importância capital, é relatado por Amiano Marcelino, autor contemporâneo.

Eis a descrição que nos dá da China:

> *A leste, diz ele, e além das duas Citias, um recinto circular de altas calçadas encerra a Sérica (a China), imensa região de admirável fertilidade, que toca a Cítia pelo Ocidente; ao norte e ao leste, confina com desertos gelados. Banhada por dois grandes rios, duo famosi nominis flumina, estende-se ao sul até a Índia e até o Ganges.*

> *Os Seres, de todas as raças humanas a mais pacífica, são absolutamente estranhos à guerra e ao uso das armas. O país é arborizado, mas sem florestas espessas. Colhe-se nas árvores uma espécie de penugem de extrema maciez e tenuidade, que depois se fia e se torna seda: tecido outrora reservado às classes elevadas e que hoje todos usam, sem distinção.*[2]

A grande empresa de Juliano, o Apóstata, foi a guerra contra os Persas. Ora, entre as oito grandes províncias de que então se compunha o império persa, o mesmo historiador nomeia

expressamente a Sérica, isto é, a China, e a descrição que dela faz não deixa dúvida de que esse imenso império era então uma província do imenso império dos Persas. Acrescentai que então o condestável da Armênia era um príncipe chinês, cuja família ali se refugiara em consequência de uma revolução política.[3]

Os Latinos e os Gregos conheciam os Chineses sob o nome de Seres, porque a seda, que lhes veio originariamente deles, se chamava, e ainda se chama, pelo mesmo nome ou por nome aproximado em grande parte da Ásia.

> *Os Partos serviam de intermediários nesse comércio entre os Romanos e os Chineses. Assim, os apóstolos e seus discípulos puderam facilmente fazer penetrar a luz do evangelho até a alta Ásia: na Índia pelo Egito, e na China pela Índia. A propagação da fé na alta Ásia foi pouco estudada. Acostumou-se geralmente a pensar que o evangelho só foi levado ali nestes últimos séculos. Todavia, é certo que a doutrina de Jesus Cristo foi pregada, desde o começo, a esses povos do extremo Oriente.*[4]

No século III, Arnóbio nomeia os Chineses entre os povos que, à voz dos apóstolos, se haviam tornado católicos.

> *Tal foi, diz ele, o poder do Filho de Deus que a unidade de crença se tornou rapidamente geral entre as nações e os povos mais diferentes em costumes. Todos sabem o que se realizou na Índia, entre os Chineses, entre os Persas e os Medos.*[5]

Se o texto de Arnóbio pudesse deixar algumas dúvidas sobre a evangelização da China pelos apóstolos em pessoa, toda incerteza desapareceria diante dos testemunhos seguintes. O primeiro é o de Teodoreto.

> *Nossos Pescadores, diz ele, e nossos Publicanos, e Paulo levaram a lei evangélica a todas as nações. Por eles, não somente os Romanos e todos os que vivem sob o seu império, mas ainda os Citas, e os Sármatas, e os Indianos, e os Etíopes, e os Persas, e os Chineses, e os Hircânios, e os Bactrianos, e os Bretões, e os Címbrios e os Germanos, e, para dizer tudo numa só palavra, todo o gênero humano e todas as nações foram levados a receber as leis do Crucificado.*[6]

Não é, pois, de espantar que, no reinado de Constantino, logo no começo do século IV, a China já estivesse cheia de igrejas e de multidões de fiéis. O piedoso imperador aproveitou essa notícia, que recebeu com grande alegria, para prestar serviço a essas cristandades longínquas,

recomendando-as a Sapor. Essas embaixadas de Constantino e de Sapor são dignas de nota. Vê-se pelos anais da China que, sessenta anos antes da vinda do Salvador, o império romano e o império chinês se tocavam no mar Cáspio; que os Chineses chamavam ao império Romano TA-TSIN, ou a grande China, tão alta ideia dele faziam; que dele receberam embaixadas da parte do imperador Antonino; eles mesmos, como disse, as haviam enviado a Augusto. E eis que, sob Constantino, no momento em que o cristianismo triunfa na Europa, na África e até o Eufrates, eis que a Ásia ulterior, inclusive a China, reunida sob o domínio do rei da Pérsia, nos descobre em seu seio numerosas cristandades.[7]

O capítulo seguinte conterá novos testemunhos. Serão ainda mais explícitos que o de Teodoreto, no sentido de que dão a conhecer o apóstolo a quem a China ficou devendo o dom da fé.

Notas

[1] *Nam et Scythae misere legatos et Sarmatae amicitiam petentes; Serae etiam, habitantesque sub ipso sole Indi.* Floro, *Hist.*, liv. IV, c. XII, p. 516, ed. in-12, 1662.

[2] *Ultra haec utriusque Scythiae loca, contra orientalem plagam, in orbis speciem consertae celsorum aggerum summitates ambiunt Seras, ubertate regionum et amplitudine circumseptos: ab oriente latere Scythis adnexos; a septentrione et orientali, nivosae solitudini cohaerentes; qua meridiem spectant adusque Indiam porrectos et Gangem... Hanc itaque planitiem duo famosi nominis flumina percurrunt. Agunt autem ipsi quietem Serae, armorum semper et praeliorum expertes; utque hominibus sedatis et placidis otium est voluptabile, nulli finitimorum molesti. Caeli apud eos jucunde salubrisque temporis, aeris facies munda, leniumque ventorum commodissimus flatus: et abunde silvae sublucidae: a quibus arborum fetus aquarum asperginibus crebris, velut quaedam vellera mollientes, ex lanugine et liquore mistam subtilitatem tenerrimam pectunt: nentesque subtemina, conficiunt sericum, ad usus antehac nobilium, nunc etiam infimorum sine ulla discretione proficiens.* Amiano Marcelino, *Hist.*, liv. XXIII, c. VI, p. 412, ed. in-4º, 1693, Leiden. — É, com efeito, a folha da amoreira que produz a seda.

[3] *História universal da Igreja*, por Rohrbacher, t. VI, p. 550, 3ª ed.

[4] *O cristianismo na China*, pelo sr. Huc, t. I, p. 13-34.

[5] *Ad unius credulitatis assensum mente una concurrere gentes et populos fecit, et moribus dissimillimas nationes. Enumerari enim possunt, atque in usum computationis venire ea quae in India, apud Seras, Persas et Medos, etc.* Arnóbio, *Contra os gentios*, liv. II. Arnóbio, célebre professor de retórica na África, floresceu sob Diocleciano.

[6] *At Piscatores nostri, et Publicani ac Paulus, cunctis nationibus leges evangelicas attulerunt. Neque solum Romanos, et quique sub illorum vivunt imperio; sed et Scythas et Sarmaticas gentes, et Indos, et Aethiopas, et Persas, et Seras, et Hyrcanos, et Bactrianos, et Britannos, et Cimbras, et Germanos, atque, ut simul dicam, omne hominum genus, nationesque omnes induxerunt ut crucifixi leges acciperent.* Teodoreto, *Graecarum affectionum curatio*, IX, Das Leis, p. 125 do texto grego, ed. Migne.

[7] *História universal da Igreja*, no mesmo lugar.

Revision #1
Created 22 November 2026 15:19:24 by Admin
Updated 22 November 2026 15:33:55 by Admin